

Autor: Marta Pedó\* – APPOA

Título: O corpo dado a ver: considerações sobre a fobia

Dispositivo: Mesas Simultáneas de Trabajos Libres

---

A fobia interroga as fronteiras do espaço e do corpo, assim como daquilo que os une mais intimamente: o olhar.

Neste sentido, o breve texto que apresento aborda a fobia como uma saída do sujeito de um ponto em que o gozo se anuncia como emergência do corpo próprio “dado a ver” nu. Para assegurar-se das fronteiras do seu corpo no espaço, o fóbico faz da angústia medo e se apóia em um elemento que pode nomear e articular a outros elementos. Diz-se da fobia que ela é uma doença do imaginário e que delineia uma geografia própria – a partir de marcas traçadas, abstrai o simbólico. Partindo, então, dessas idéias, proponho interrogar mais detidamente o efeito simbólico do exercício de traçar imagens sobre o corpo ou com o corpo.

Março, início da primeira série, Ana chora sozinha em meio à fila de crianças que esperam a professora para entrar na sala de aula. Perto dali, Carolina está chegando com a mãe, e olha. As duas se aproximam, e a mãe então abraça a menina que chora com carinho, na tentativa de acalmar o choro da pequena que parece desamparada. Junto dela, em segundo plano, sempre a olhar, Carolina diz: - “Podia ser eu, né mãe?”

Dias depois a mãe me procura porque Carolina faz uma fobia escolar.

Carolina diz que se sente mal no pátio do colégio, mas que não sabe por quê. Então desenha no quadro “o dia em que caiu”. Desenha o pátio, a colega Fernanda e ela mesma, em cima da “montanha”. Então descreve:

-“A Fernanda tem o cabelo todo desgrehado, eu estou aqui na montanha. A Fernanda fala: - “Caroliinaaaa...” e eu falo: - “Fernaaanndaaa...”.

Afasta-se, olha o desenho no quadro e diz: - “Não está bem, a montalina<sup>1</sup> ficou feia”.

Apaga então a si e a montanha (a montalina). Tenta refazer, mas não acha bom e

---

\* Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre - RS - Brasil

<sup>1</sup> Montalina como se uma conjunção entre montanha e carolina.

apaga. Logo desenha as casinhas em que as meninas brincam no pátio e os caminhos entre elas.

Na primeira cena, com a frase “podia ser eu”, Carolina marca o ponto em que se vê tomada de angústia depois do qual é ela que passa a chorar, desamparada como Ana, seu duplo. No desenho da segunda cena, dá imagem ao “dia em que caiu”. Aconteceu no pátio, lugar que desde então passa a ser o espaço a evitar. Na descrição, aparece o feio - o cabelo da Fernanda e a montanha. No lapso, porém, a *Montalina* é que ficou feia, e Carolina precisa ser apagada junto da montanha. Como saída, faz o mapa entre as casinhas das meninas, geografia da rota de fuga. A seqüência ilustra os momentos do surgimento da fobia: no primeiro, vê-se vista na outra desamparada/consolada, suspensa entre a angústia e gozo inapropriado; segundo, cai a imagem que tem de si, fica feia e é apagada; por fim, substitui a cena pelo traçado de um mapa peculiar, por onde se dá a circulação das meninas. Escapa da angústia fazendo um medo do pátio.

Numa outra situação clínica, a jovem Bibiana se diz “com síndrome do pânico” porque não pode sair de casa sem a companhia da mãe ou do noivo. Ela chama a atenção de quem a olha pelos cabelos tingidos de laranja, pelas roupas nada discretas e pelo corpo bastante tatuado. Diferente do que se poderia pensar de alguém com uma presença assim exuberante, leva uma vida muito recatada em casa. Durante a cura, tem um sonho que marca uma virada: é um sonho erótico com o tatuador que fez suas tatuagens. Depois desse sonho, passa a descrever uma série de fantasias sexuais nas quais se vê vestida de outras mulheres, diferentes e sensuais. Em pouco tempo é surpreendida ao perceber-se circulando desacompanhada pela cidade, movida também pelo projeto de fazer uma nova tatuagem, de uma mulher, de corpo inteiro, que sorri.

Podemos dizer que, se Carolina aponta o momento em que caiu e se viu feia, Bibiana diz do momento em que vestir fantasias e compor uma série de imagens para enfeitar o corpo de uma mulher lhe deu o suporte necessário para ver, sair e sorrir.

O corpo é “dado a ver” antes de “ver”, diz Lacan (o que Ana Costa<sup>2</sup> bem nos lembra ao trabalhar a rasura como escrita do corpo), sendo que a angústia emerge quando

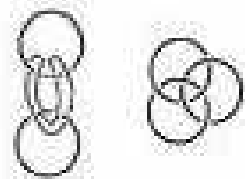
---

<sup>2</sup> Costa, Ana M. M. *Rasura e angústia: a função do velamento do corpo*. No prelo.

ele aparece desnudo, oferecido ao mau-olhado. Desprovido da distância subjetiva, o corpo emerge cru, feio, constrangido, muito próximo do oferecimento ao gozo caprichoso do Outro.

Da visão do corpo esburacado – quer pelas sensações, invasivas, que emergem, ou pelo nascimento da irmãzinha (como para Hans) - uma criança em torno dos três a quatro anos se vê caída do lugar anterior. Diferente do que ocorrera no momento da divisão subjetiva, ela não está mais às voltas com diferenciar-se da criança ideal que poderia satisfazer a mãe - durante o Édipo trata-se de colocar o ideal num lugar outro, sexuado.

O olhar tem aqui ganha em importância – a pulsão escotofílica fundamenta a investigação a ser sublimada para a construção do saber sexual, e mesmo do saber. É a visão do sexo que paralisa ou dá lugar a ela. O fóbico joga com as imagens vistas e dadas a ver, desenha e delimita as fronteiras do corpo com algumas imagens privilegiadas, para dali tirar as conseqüências necessárias e suficientes para assegurar-se de um lugar no mundo. Isto se passa de modo a pensar que o que para ele sustenta o buraco da castração está no imaginário, diferente do caminho normal, em que o que assegura a castração vige no simbólico, na metáfora.



No Seminário XI, Lacan lembra que o exercício da sexualidade é sempre aberrante, polimorfo, realizado pela operação pulsional, e que ela é interpretada como sexo a partir da operação de castração, que assim possibilita desejar. Se o ganho da operação de castração é desejar, interpretar o sexo a partir da sexualidade passa pelo corpo – esburacado.

Curiosamente, o fóbico, como Bibiana faz notar, suspende a interpretação e faz uma montagem em que o jogo está na distância do ver-ser visto. Mais do que um jogo com o outro sexo, a brincadeira com o companheiro prioriza a metonímia, o desenrolar fluido de imagens. Porém, diferente de uma perversão, são as imagens que preservam a castração e sustentam a falta do gozo do Outro.

Podemos pensar esse momento a partir do nó Borromeu construído a partir do trançamento simples. Para compor a trança, tomamos cada um dos três feixes como cada uma das instâncias, a saber: real, imaginário e simbólico. Para trançar,

consideramos os seis primeiros movimentos, destacados como movimentos da constituição do sujeito<sup>3</sup>, que ao lado ilustramos e abaixo descrevemos brevemente:

0. três cordas soltas, respectivamente: R (real), S (simbólico), I (imaginário).
1. aparecimento de um real (corpo real do bebê) – R
2. recobrimento imaginário (a mãe empresta imagens a seu bebê) – RI
3. enlaçamento simbólico (ao ver-se sendo visto no espelho, o sujeito e a criança ideal se dividem) – RIS
4. emergência do real do corpo sexual – RISR
5. recobrimento imaginário com a fabulação em grande profusão para construir teorias sexuais – RISRI
6. enlaçamento simbólico pela metáfora paterna - RISRIS

Ao final do sexto movimento, os feixes são unidos em suas extremidades, resultando no nó Borromeu. A estrutura ganha em estabilidade.

Desse modelo, para abordar as fobias, interessa-nos apontar que, a partir da emergência real do corpo sexuado, como em 4, os movimentos seguintes necessários ao sujeito são o de recobrir imaginariamente o buraco, como em 5, e a abstração simbólica pela passagem efetivada da mãe ao pai e instauração da metáfora paterna.

O movimento seguinte à queda do corpo, assujeitado à visão do Outro, em que a criança lida pela via predominante do imaginário, farto e exuberante em suas produções, cede à preferência pela condição concisa e minimalista do simbólico... simbólico que não é visível, mas abstraído – presente como estrutura, inconsciente. Como se dá essa passagem? “Como uma girafa amarrotada”, eu leria em Lacan<sup>4</sup>. O pai de Hans não compreende como uma girafa poderia ser amarrotada e o menino se vê na necessidade de mostrar-lhe como se pode amarrotar uma girafa, *assim: desenhada no papel*. Como uma mulher de corpo inteiro que sorri pode ser tatuada sobre a pele, e isso fazer todo o sentido, talvez dissesse Bibiana.

---

<sup>3</sup> Vorcaro, Ângela. *A criança na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Cia. De Freud Ed., 2004.

<sup>4</sup> Lacan, J. LACAN, Jacques . *O Seminário: Livro IV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

Há um efeito simbólico abstraído do imaginário? A exemplo da criança em passagem da mãe ao pai, até que o sexo faça sentido, predominam as fábulas, as criações fantásticas, as máscaras e fantasias. O Simbólico esteve presente na estrutura desde mesmo antes da criança nascer, mas no sexto movimento enlaça através da metáfora e escreve a história que o precede, possibilitando o saber sexual. Das muitas narrativas em sucessão metonímica se fazem algumas poucas teorias que operam como mitos.

Bibiana fala do sonho e das suas fantasias sexuais, assim como, e talvez devêssemos estar atentos a isso, bom retrato de uma jovem dos dias de hoje, destaca o valor da tatuagem, que para ela representa o buraco no corpo marcado pela cicatriz, que é desenho, vestimenta, e representa um traço de escrita.

Como o papel em que se desenha e escreve, amarrotável, o corpo aparece apropriado para receber a escrita: superfície maleável, afetável e profanável. O corpo é propriamente uma superfície onde se escreve e, como tal, um espaço cujas fronteiras se modificam a partir do modo pelo qual o laço social o afete.

Bibliografia consultada:

BARTUCCI, G. (org.). *Psicanálise, arte e estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

DA COSTA, Ana Maria Medeiros. *Rasura e angústia: a função do velamento do corpo*. No prelo.

FREUD, S. (1909) Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro, Editora Imago, 1976.

LACAN, Jacques . *O Seminário*: Livro IV. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 19.

\_\_\_\_\_. *O Seminário*: Livro V. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

\_\_\_\_\_. *O Seminário*: Livro XI. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LERUDE-FLECHET, Martine et alii. *A fobia. Coletânea de textos das Jornadas a Association Freudienne assim como alguns textos complementares sobre a fobia*. Bibliotheque Du trimestre Psychanalytique, Associação Freudienne, 1992.

LÉVY, Robert. *O infantil na psicanálise*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

MARSILLAC, Ana Lucia Mandelli de & SOUSA, Edson Luiz André de. *Corpo e imagem: excessos em deslocamentos*. In: *Correio da APPOA*. Porto Alegre: APPOA, n 178, abril 2009.

POMMIER, Gerard. *A neurose infantil da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

VORCARO, Angela. *A criança na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Cia. De Freud Ed., 2004.